



Alguns vão direto ao canteiro de obras



Ontem, mais de 1.200 estiveram no Sine

Terceira ponte está atraindo desempregados de fora do ES

AJ12512

Centenas de desempregados, muitos de outros Estados, estão lotando os corredores dos postos do Sistema Nacional de Empregos (Sine) atrás de uma vaga para as obras da terceira ponte, mostrando que os reflexos negativos do anúncio da reativação da obra poderão ser um fato concreto a curto prazo, como previu em fevereiro o coordenador do órgão, Roberto Comper. Um exemplo ocorreu ontem: mais de 1.200 desempregados, 90% da construção civil — um setor que teve menos 40% do total de vagas no período de 1978 a 1983 —, ocuparam o terceiro andar do edifício Navemar formando uma fila até praticamente à avenida Princesa Isabel. Normalmente são preenchidos cerca de 300 cadastros por dia.

O motivo de toda essa corrida, inclusive ao canteiro de obras da terceira ponte, foi um simples anúncio do governador Gerson Camata sexta-feira, na televisão, de que as cinco mil vagas que surgirão com o reinício das obras, serão preenchidas por capixabas que moram no Estado há mais de um ano, o que foi interpretado como o início do cadastramento dos operários. Mas essas romarias, que às vezes começam às 4 horas e que se estendem ao posto do Sine em Carapina, não terão nenhum resultado, pelo menos a curto e médio prazos. Para os esperançosos trabalhadores que pretendem conseguir um lugar nas empreiteiras. O secretário do Interior e Transportes, Sérgio Ceotto, disse, ontem, que o início do cadastramento só ocorrerá depois que a Assembleia Legislativa aprovar a criação da Companhia Especial para Construção da Terceira Ponte (Ceterpo), e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) liberar a verba necessária à reativação da obra.

SEM PREVISÃO

Uma das empreiteiras, a Odebrecht, informou, ontem, através de Fernando Reis, do setor de Recursos Humanos, que não existe nenhuma estimativa quanto ao início do cadastramento de operários. A princípio, disse que ela mesma deverá fazer este serviço, pois é uma filosofia da empresa, mas será atendida a solicitação para que os operários sejam capixabas. Outra previsão, também pouco animadora: o coordenador do Sine, Roberto Comper, está alertando para o grande problema social que ocorrerá em breve, com a vinda de desempregados de outros Estados para trabalhar na obra.

Ocorre que, segundo ele, além do alto índice de desemprego na área da Grande Vitória, no setor da construção civil, a maioria proveniente de empreiteiras da CST, haverá um grande problema com a vinda de emigrantes de Estados vizinhos atraídos pelo anúncio de que a terceira ponte será reiniciada: "pois o problema é sério em todo o país". Essa "inchação" de desempregados na Grande Vitória vai provocar um sério problema social. Não vai haver emprego para todos e novas favelas se formarão.

Para prever a situação e ter uma idéia do quadro que terá pela frente,



Elói: 60 dias parado

Roberto Comper já solicitou à Odebrecht que lhe indicasse o perfil da mão-de-obra a ser empregada pela empresa, a quantidade e o período de trabalho. No posto do órgão em Carapina, um dos funcionários informou que de uma média de 80 cadastros que preenchem, por dia, pelo menos cerca de 60 são desempregados interessados em trabalhar na terceira ponte, pois já se cansaram de procurar emprego em outros locais.

ESPERANÇA

Lá, as filas começam a ser formadas cedo e muitos estão de volta querendo saber se conseguiram alguma colocação. Manoel Elói de Souza, atualmente está morando no bairro Sossego, na Serra. Casado, 43 anos, cinco filhos, ajudante de pedreiro, ele veio de Minas e há dois meses está desempregado. No último emprego, Manoel Elói ficou doente, precisou ficar uns dias parado e quando voltou, com o atestado médico em mãos, a empresa não aceitou e demitiu-o. Ele, simplesmente teve que rasgar o documento pois lhe disseram onde trabalhava que não tinha nenhuma validade.

Através da "rádio peão", Ivandir Freitas, 37 anos, casado, quatro filhos menores, ficou sabendo da terceira ponte. Ele está há seis dias em Vitória, vindo de Ipatinga, Minas, para ver se



Ivandir: de Ipatinga

conseguir um emprego como carpinteiro. Também procurou o Sine, em Carapina, e até hoje só conseguiu serviço um dia, como biscateiro.

Outro mineiro, também de Ipatinga, é José Geraldo Pereira, 25 anos, solteiro, que trabalha como servente de pedreiro e, como os outros, ficou sabendo do reinício das obras da terceira ponte e veio para cá, achando que as coisas aqui seriam mais fáceis, pois está parado há dois anos, trabalhando apenas em biscate. Já esteve em vários locais, o último numa empresa de Vila Velha, mas, a exemplo de seus companheiros, a procura de serviço foi infrutífera.

Entre os mais de mil operários da construção civil desempregados que procuram tentar a sorte no Sine, ontem, estava outro que veio para o Espírito Santo com esperança na terceira ponte: Oscar Barbosa de Siqueira saiu de São Paulo e, para manter seus cinco filhos, está fazendo biscates como ajudante de pedreiro.

Otávio Nunes Netto é outro que, pelas previsões oficiais, já pode ir perdendo a esperança nessa obra que seria a salvação para os desempregados. Com 29 anos, três filhos para criar, mais a mulher, está apenas fazendo biscates, quando encontra serviço, como pedreiro.

"IN LOCO"

Não é apenas no Sine que os

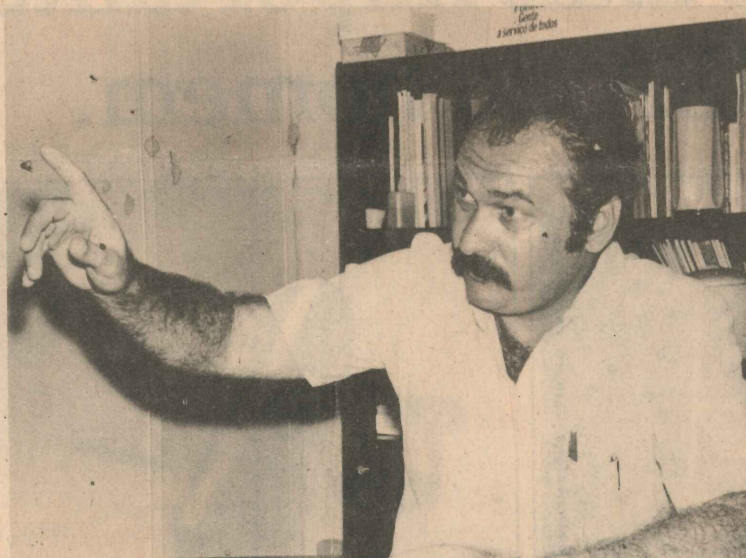


Otávio: biscateiro

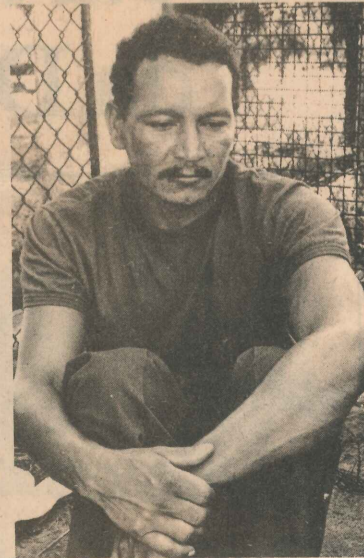
operários desempregados vão para ver se encontram trabalho. No próprio canteiro de obras da terceira ponte, segundo funcionários, a fila em busca de informação começa às vezes às 4 horas da manhã. Entre os que vieram tentar a sorte, esta também, José das Neves que é encarregado em armação. "Eu vim ver se arranjo um 'trampo', mas não souberam me informar nada aqui", desabafou. Pelo menos umas duas vezes ele já veio a Vitória, depois que soube da terceira ponte.

Diariamente, cerca de cem desempregados procuram o escritório e todos acabam voltando do mesmo jeito que chegaram: desempregados e sem nenhuma informação ou perspectiva de arranjar um lugar naquele canteiro de obras. Ademar da Cruz está procurando emprego desde 1979 e sempre a resposta que ouve é de que "não há vaga". Por isso, foi tentar trabalhar na terceira ponte, "para não deixar os filhos morrerem de fome". Por enquanto, desanimado, sobrevive com biscates.

Ele é um dos muitos que ficaram desempregados de empreiteiras da CST. Outro é Edvirges Rocha Farias, 31 anos, casado, dois filhos, de três e quatro anos. Para "se virar", está vendendo picolés aos sábados e domingos. Quando dá sorte arrecada entre Cr\$ 4 mil a Cr\$ 5 mil, quando não tem que pagar os picolés que se derreteram e não foram vendidos.



Comper alerta para os problemas sociais



Ademar: desanimado